

5.

A Mistagogia como caminho

Para o cristão, toda experiência de Deus depende e, de certo modo, deriva da experiência que Jesus teve de seu Pai como Abbá³²⁵. O encontro de Jesus com o Deus levou-o a uma íntima união com o Pai, o que significava horas e noites de oração e o anseio perpétuo de fazer a sua vontade. Essa experiência o impeliu a pregar o Reino de Deus, anunciar o perdão, trazer a cura, condenar e lutar contra o mal e ficar com os últimos e excluídos de sua sociedade³²⁶.

Se o próprio Jesus é para nós a Palavra de Deus, então nossa experiência de Deus será uma experiência que sua vida, morte e ressurreição podem iluminar e transformar. Este Deus é um Deus de mudança; o projeto é de ação e não de estagnação³²⁷.

A missão da Igreja de ser mediadora de salvação cumpre-se quando ela se põe a serviço do ser humano e do mundo, poderíamos dizer, a serviço da realização do ser humano e do mundo. No centro dessa mediação de salvação está o anúncio do Evangelho. Para que este seja acolhido e compreendido, a Igreja deve conhecer os destinatários deste anúncio: o que é que esperam, quais são suas perguntas, quais suas feridas, para onde apontam suas esperanças. Esta compreensão necessita do olhar, do conhecer mais a fundo.

Isto significa, para Rahner, que uma teologia que está a serviço da evangelização concreta nunca pode prescindir do contexto cultural e social da evangelização, para que esta seja eficaz na situação na qual vive o seu destinatário.

Cristianismo é Espírito e vida, é superação, é fazer acontecer sempre, é peregrinação e abertura a novas experiências, sem, é claro, perder sua identidade³²⁸.

³²⁵ Cf. PAGOLA, José Antonio. **Jesus**. Aproximação Histórica. Petrópolis: Vozes. 2010, p 372.

³²⁶ Cf. **Ibid.**, p. 373.

³²⁷ Cf. **Ibid.**, p. 388.

³²⁸ Cf. MIRANDA, Mario França. **A Igreja Numa Sociedade Fragmentada**. São Paulo: Loyola. 2006, p. 239.

5.1.

A Experiência que Acontece no Meio de Nossa Vida Cotidiana

Karl Rahner insiste que a experiência do Espírito ocorre de maneira fundamental na experiência humana comum do mundo³²⁹. Ela não é reservada a elites religiosas. É algo que existe entre os seres humanos de todos os tempos e lugares. É uma experiência do Espírito no coração da vida diária. Para Rahner, quando falamos da experiência do Espírito, a experiência em questão não é da mesma ordem que a experiência de objetos criados, como uma porta, um livro ou uma árvore. É uma experiência de transcendência muito mais global, de abertura para o infinito, uma experiência que ocorre como contexto e pano de fundo para as nossas experiências cotidianas mais específicas³³⁰.

Rahner assinala como essa experiência de transcendência, de “ir além” do comum e cotidiano, ocorre justamente no saber cotidiano comum. Os seres humanos fazem perguntas. Toda resposta específica abre outras questões. Há uma busca incansável e incessante de nossas mentes, que não podem deter-se em nenhum resultado específico. Nossas perguntas não tem fim. Elas se abrem para o interminável infinito³³¹.

Sempre que nossas mentes movem-se para apreender um objeto individual do conhecimento, como uma flor, chegamos a conhecê-lo apenas à luz de um horizonte mais amplo. O que é conhecido e nomeado como objeto individual é conhecido contra um pano de fundo de outros objetos possíveis. Esse pano de fundo é geralmente não nomeado e conhecido apenas implicitamente.

Conhecemos objetos específicos apenas contra um horizonte que não tem limites. Rahner oferece duas belas imagens para a experiência do mistério infinito que ocorre como o horizonte para o nosso conhecer cotidiano. Sua primeira imagem é de ilha vista contra um vasto mar. Ele diz que o objeto da consciência explícita é como uma minúscula ilha no oceano ilimitado do mistério sem nome que a rodeia. As coisas que podemos apreender com nossas mentes são como pequenas luzes, e o mistério sem nome que as

³²⁹ Cf. RAHNER, Karl. Experience of the Holy Spirit. **Theological Investigations**, vol. 18, New York: Crossroad, 1983, p. 191.

³³⁰ Cf. **Ibid.**

³³¹ Cf. **Ibid.**, p.194.

rodeia é como a noite, a única que torna visíveis as nossas pequenas luzes e lhes confere o seu brilho³³².

Essa experiência de abertura para o mistério ocorre não apenas no conhecer humano, mas também nos atos livres da vontade humana. Em todos os nossos compromissos específicos há um convite implícito de nos doarmos a um amor que não é condicionado³³³. Acima de tudo, esse convite implícito encontra-se na experiência do amor por outra pessoa. Mesmo nas experiências mais profundas e mais satisfatórias de amar amigos queridos, deparamos com a limitação e a solidão. Reconhecemos que há fomes do coração que nenhum ser humano pode saciar finalmente. A saciedade parcial que experimentamos no amor por outro abre-se para um amor que não tem limites. Ela aponta para a inquietude aparentemente infinita do desejo humano e para a capacidade ilimitada do coração humano³³⁴.

Há uma extensão ilimitada para a mente e o coração humanos, e essa extensão ilimitada está sempre ali como o contexto do conhecimento e do amor comuns. Rahner vê o Espírito de Deus como habitando nessa abertura da pessoa humana, mas insiste que ele é conhecido como o Espírito de Deus apenas por meio da revelação³³⁵. Filosoficamente, com base na razão, tudo o que dizemos é que Deus é o objetivo desse movimento. Mas, teologicamente, com base na revelação da vontade salvífica, podemos dizer que é a graça de Deus, a auto comunicação de Deus no Espírito que envolve e sustenta a pessoa humana. Com base na revelação cristã, a abertura dinâmica da pessoa humana pode ser compreendida como abertura para o Espírito de Deus presente no amor de auto doação³³⁶.

Essa experiência muitas vezes é obscurecida pela preocupação com as coisas específicas que capturam nossa atenção³³⁷. Ela pode permanecer implícita, pré conceitual e não nomeada – como a luz do sol, a qual não podemos ver diretamente porque estamos interessados nos objetos tornados visíveis apenas pela sua luz³³⁸. Podemos evitar atentar para o mistério que rodeia a nossa atividade consciente, mas também podemos atentar para ele e

³³² Cf. *Ibid.*, p.195.

³³³ Cf. *Ibid.*, p. 196.

³³⁴ Cf. *Ibid.*, p. 197.

³³⁵ Cf. *Ibid.*

³³⁶ Cf. *Ibid.*, p. 198.

³³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 199.

³³⁸ Cf. *Ibid.*

abrir nossas mentes e corações para esse mistério silencioso que nos rodeia. Também podemos aprender a habitar nesse lugar aberto do Espírito³³⁹.

Rahner aponta que, ao lado da experiência de transcendência no conhecer e amar comuns, também há momentos específicos em que essa experiência sempre presente do Espírito é trazida mais claramente para o primeiro plano da experiência consciente³⁴⁰. São momentos comumente considerados experiências religiosas. Eles ocorrem quando os objetos individuais de nossa atenção servem para trazer à mente a experiência acompanhante do Espírito. Aspectos específicos da experiência cotidiana chamam a nossa atenção para a experiência do Espírito, sempre presente, mas nem sempre percebida³⁴¹.

Isso pode acontecer quando o objeto da nossa experiência na sua beleza, bondade ou mistério aponta para o Espírito que o sustenta. Uma realidade cotidiana pode parecer tornar-se transparente à luz do Espírito que brilha através dela. Uma pessoa pode ser cativada por uma única flor, pode ponderar sobre a exuberância da vida em uma praia paradisíaca, contemplar as estrelas em uma noite sem lua e encontrar na experiência uma percepção de maravilha, mistério e presença graciosa. Um momento de amizade compartilhada pode vir como um dom puro, um dom que não pode ser controlado nem segurado com muita força, mas que traz uma percepção de sermos imensamente abençoados. Uma criança recém-nascida pode levar os pais ao pasmo absoluto e ser recebida como um dom misterioso. Há momentos de criatividade em cozinhar, escrever, fazer jardinagem, construir, pintar, ensinar, ser pai e relacionar-se, quando conseguimos experimentar a brecha para o novo como simultaneamente proveniente de nós mesmos e como um dom que vem de além de nós mesmos³⁴².

Também há momentos negativos e, às vezes, extremamente dolorosos que nos levam ao mistério, quando as realidades cotidianas de que nos ocupamos desabam. Há momentos em que tudo o que sustenta nossos compromissos mais profundos parece desaparecer e nos descobrimos chamados a prosseguir na confiança e na esperança contra a esperança, e, talvez, a descobrir que esse é um Espírito de Deus nas nossas vidas. Há tempos em que a solidão domina nossos corações, quando o amor não é

³³⁹ Cf. RAHNER, Karl. Experience of the Holy Spirit. **Theological Investigations**, vol. 18, New York: Crossroad, 1983, p.199.

³⁴⁰ Cf. **Ibid.**

³⁴¹ Cf. **Ibid.**, p. 200.

³⁴² Cf. **Ibid.**

correspondido, quando aqueles que amamos parecem distantes, quando tudo o que sentimos é ausência e vazio, e, no entanto, descobrimos esse vazio cedendo lugar a uma solidão em que há uma presença silenciosa. Há a experiência de ser muito prejudicado por outro, quando, apesar da amargura e do desapontamento, descobrimo-nos com a liberdade de perdoar e de conhecer essa liberdade como graça³⁴³.

Em cada vida humana que não está apenas voltada para o visível e o sensível, e não é absorvida pelas necessidades do momento, mas é vivida a partir do espírito, há momentos e ocorrências nos quais toda a vida do ser humano entra em jogo; há momentos e ocorrências nos quais o ser humano se encontra voltado para a totalidade da vida; há momentos e ocorrências, nos quais o ser humano se encontra diante da questão do sentido, da realização ou do fracasso deste todo. Mas quando um ser humano, empenhado em caridade abnegada, se esforça, esperançoso, no desejo de ver sua vida realizada, ou sente, no fundo, a ameaça que pesa sobre sua existência, sempre de novo acontecerá que surjam atitudes e decisões que transcendem nossos cálculos meramente humanos e não encontram os últimos fundamentos neste mundo. Aqui é o lugar, onde a presença e a ação do Espírito podem ser procurados e, talvez, encontrados de um modo um pouco mais reflexo³⁴⁴.

Examinemos nós mesmos tais experiências ,em nossa vida, examinemos cuidadosamente as próprias experiências, nas quais, justamente, tais coisas aconteceram. “Lá por toda parte, está Deus e sua graça libertadora. Lá experimentamos o que nós, cristãos, chamamos o Espírito Santo de Deus. Lá está a mística do dia-a-dia, o encontrar Deus em todas as coisas”³⁴⁵. Lá está a ação salvífica de Deus em nós, que nos ‘leva para fora’ de nós mesmos em direção ao outro, na realização do amor.

³⁴³ Cf. **Ibid.**, p. 201.

³⁴⁴ Cf. **Ibid.**

³⁴⁵ **Ibid.**, p. 203. “*Já nos calamos, alguma vez, embora quiséssemos nos defender, embora tivéssemos sido tratados injustamente? Já perdoamos alguma vez, embora tenhamos saído do caso sem recompensa alguma, e até nosso silêncio possa ter sido mal interpretado como sinal de que tudo aceitamos como se fosse perfeitamente correto e natural? Já obedecemos alguma vez não porque fosse impossível subtrair-nos, ou porque poderíamos passar por situações desagradáveis , mas tão somente movidos por causa daquele Misterioso, Silencioso, Incompreensível, que denominamos Deus e sua santa vontade? Já fizemos um sacrifício sem encontrarmos um agradecimento, um reconhecimento, e até mesmo sem que tivéssemos tido sentimento algum de satisfação interior? Já estivemos algum dia em total solidão? Já nos decidimos, porventura, por alguma coisa, seguido tão somente a voz da consciência, em situações em que nada poderíamos dizer ou explicar a quem quer que fosse, em situações de solidão total e nas quais perfeitamente todos sabemos que tomamos uma decisão, da qual ninguém se redime, da qual seremos responsáveis para todo o sempre? Já experimentamos porventura amar a Deus sem sentimentalismo que nos embalem? Lá, onde já não nos seja*

5.2.

A Experiência como Abertura a Deus e ao Próximo

O dinamismo do Espírito de Deus acolhido por nós nos impele para o amor. O amor a Deus não pode ser compreendido como um dever particular entre os muitos da existência humana. Ele é “o tudo da livre realização da vida humana”³⁴⁶.

Como Deus não é um ser categorial, parte da multiplicidade de entes do universo, mas aquele Mistério último, horizonte da inteligência e liberdade humana, também o amor a ele não pode ser entendido como algo que possua uma dimensão menor do que a totalidade da vida humana. Amar a Deus é confiar-se a ele na total disponibilidade de si. Isso significa que o amor a Deus não pode ser confundido com o desejo de realização, por parte do ser humano, de cada uma das suas pretensões, o que seria o contrário do “dom de si” que supõe o amor. Somente quando o ser humano “sai de si mesmo, se esquece em Deus, se perde verdadeiramente naquele infável mistério ao qual se dá voluntariamente”³⁴⁷ é que se realiza o autêntico amor a Deus.

A fé cristã, como se articulou de forma definitiva e escatológica no caminho de Jesus Cristo, afirma que Deus não quer ser servido em si mesmo, mas nos outros. Servir o outro ser humano, no qual está Deus, é o imperativo de Jesus Cristo e a novidade da experiência cristã de Deus. É fácil servir diretamente a Deus; esta oração não compromete ninguém; servir o próximo em quem Deus está nos compromete porque o próximo não é uma abstração, mas é alguém situado num mundo, onde pode haver miséria, injustiça gritante e egoísmo deslavado. Amar o próximo pobre e doente, humilhado e explorado nos compromete e nos obriga a tomar posição. Só quem ama o outro ama a Deus; só quem se engaja em sua libertação é que serve ao Senhor da história³⁴⁸.

Este amor é o movimento da imagem da Trindade em nós. E se este

possível confundir a Deus conosco e com nossa ânsia de viver? Lá, onde se julga morrer de um tal amor que se nos apresenta como morte e como negação absoluta? Lá, onde, aparentemente, gritamos no vazio, sem que ouvido algum nos escute? Lá, onde nos parece intangível e sem sentido? Já cumprimos uma tarefa que aparentemente só podemos executar sob candente sentimento de nos estarmos realmente negando a nós mesmos e nos aniquilando, pois, evidentemente, só poderíamos fazer aquilo a custo de uma pavorosa tolice, pela qual ninguém agradecerá jamais? Já fomos bondosos para com algum homem, em cujo peito vislumbre algum se encontra de agradecimento e de compreensão, e nós mesmos nem sequer nos vimos recompensados pelo sentimento de termos sido ‘desprendidos’ e decentes?”

³⁴⁶ Id. **Quem é teu irmão?** Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 8.

³⁴⁷ **Ibid.**

³⁴⁸ Id. **Spiritual Exercises.** New York: Herder and Herder. 1965, p. 272.

amor nos é transmitido pelo Espírito de Deus e Sua graça, então vai nos introduz na comunhão com o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Mas ao mesmo tempo, este amor também produz ações pois nos impele a comunhão com o outro³⁴⁹.

Só quem entrega se entrega de corpo e alma ao serviço do próximo começa a perceber uma dimensão que transcende o próximo e a si mesmo, que está envolto por uma atmosfera que os circunda e os transcende, possibilitando e fundamentando a tarefa do amor social, do engajamento e da libertação. Aí se verifica a verdadeira transcendência, pois emerge o Mistério que nós chamamos Deus³⁵⁰.

O amor humano está a serviço deste amor maior: a pessoa é o lugar e a manifestação encarnada do Deus do Amor e do Amor de Deus e seu evento de doçura na história dos homens. Quem é Deus na sua última profundidade, só podemos aprendê-lo a partir da experiência de Deus, que é uma experiência do amor³⁵¹.

O tu humano não é a última instância; ele não satisfaz a exigência do coração por um Tu absoluto. O tu humano está a serviço do Tu absoluto; é sua presença sacramental; é figurativo de um outro Amor. O tu humano deve juntar-se ao eu amado, e juntos colocar-se na direção do Tu absoluto. Então o amor se torna perfeito, porque morre para si mesmo a fim de ressuscitar num Amor, que é Deus.

Este ato total de amor a Deus significa o “sair de si mesmo”, a “demolição do próprio egoísmo”³⁵², e ele se realiza existencialmente como abertura ao próximo. Vencer o próprio egoísmo significa encontrar e doar-se aos outros como pessoas humanas, ultrapassando uma relação interesseira que instrumentaliza o próximo na busca de si mesmo.

O amor pelo outro se enriquece quando alimentado pela experiência da gratuidade do Mistério que nos acompanha em toda a vida. A maneira concreta de estar em total disponibilidade para com Deus, o que significa amá-lo, é sair de si em direção ao próximo. Quando o ser humano, com generosidade autêntica, com interesse absoluto e com verdadeiro espírito de renúncia se tiver consumado incondicionalmente no ‘eu’ do próximo, já está a amar a Deus. É a dinâmica de quem vive a experiência da ação de Deus, a

³⁴⁹ “Quem não ama seu irmão a quem vê, não é possível que ame a Deus a quem não vê” (1Jo 4,20).

³⁵⁰ Cf. Id. *The Love of Jesus and the love of Neighbour*. Ed. St. Paul. 1983, p. 83.

³⁵¹ Cf. *Ibid.* p. 84.

³⁵² Cf. *Ibid.*

força de uma presença que escapa à percepção do humano, mas ao mesmo tempo provoca no sujeito o exercício de percorrer e captar esse sentido onipresente. E isto, mesmo que aquele que ama deste modo a seu próximo não tenha disso consciência. Todo ato de amor verdadeiro ao próximo, mesmo em quem não reconheça sequer a existência de Deus, é um ato de amor a ele. Pois amar verdadeiramente é a maneira com que se realiza o nosso amor a Deus de forma mais sublime³⁵³.

No entanto, se levarmos em conta que o ser humano é naturalmente caracterizado por uma subjetividade voltada para si e nunca pronta a sair verdadeiramente de si mesmo, todo o “sair da estreiteza da própria existência” só pode ser motivado pela Graça³⁵⁴. No verdadeiro e sobrenatural amor ao próximo já está consumado o amor a Deus, na força da sua Graça³⁵⁵.

Caso todos os cristãos tomassem aguda consciência do que significa amar Deus em sua realização irrenunciável de amar ao próximo, de construir comunhão, muitas questões consideradas por alguns como secundárias, ou pelo menos posteriores ao ato central de “amor a Deus” ganhariam nova dimensão. Esta co-responsabilidade, a compreensão de que o amor a Deus se realiza na acolhida e valorização do próximo, em desprender-se de si mesmo, engloba, em nosso mundo, uma dimensão política-social que lute por um mundo mais justo, mais igualitário. Todo cristão tem uma responsabilidade política e isto como algo inerente e irrenunciável³⁵⁶.

E este deve ser a finalidade de toda ação pastoral da Igreja. O objetivo último deve ser, o de proporcionar a todos uma vivência autêntica do amor fraterno, caso contrário, não poderá ser chamada de ação cristã.

Fazer a experiência do mistério gratuito não é romper com o mundo e a realidade que o envolve, mas entrar em profunda comunhão com toda a realidade e ir sempre além. Tal experiência capacita o ser humano a uma vivência cotidiana repleta do amor de Deus e único caminho de valorização e dignidade para o mundo³⁵⁷.

³⁵³ Cf. *Ibid.*, p.83.

³⁵⁴ Cf. Id. **Quem é teu irmão?** Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 9.

³⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 122.

³⁵⁶ Cf. *Ibid.*, p. 89-93

³⁵⁷ Id. **Spiritual Exercises**. New York: Herder and Herder. 1965, p. 277.

5.3.

O Cristão do Futuro será um Místico

Karl Rahner é um defensor da tradição e da fidelidade ao sentir da Igreja. Sendo assim, de acordo com as fontes e com a história do passado, ele tira a base para olhar criticamente os problemas na realidade que atual; descobrir no nosso modo atual de pensar uma beleza desde há muito tempo esmorecida; despertar evidências, hoje, ocultadas e reavivar situações que pareciam estagnadas³⁵⁸.

A sua teologia não é um repetir de maneira estéril a tradição da fé, mas um assumir a tradição na situação presente, buscando superar, para mais além, a sua compreensão, numa perfeita síntese entre o novo e o tradicional³⁵⁹.

Com habilidade, Rahner estende a esfera desta questão, com uma série de observações pertinentes. Em uma entrevista³⁶⁰, ele fala de um “inverno na Igreja”³⁶¹ para definir o momento eclesial sobretudo da Europa ocidental. Não quer com isso falar da Igreja em geral e nem da impressão que a Igreja causa no mundo. Também não julga da mesma forma a situação da Igreja na América do Sul ou em certos países da África. Nestes continentes, Rahner via “um cristianismo em expansão e uma Igreja com um futuro glorioso”, mesmo que futuramente correndo os riscos próprios do desenvolvimento sócio-tecnológico-cultural do Primeiro Mundo.

Karl Rahner advertiu sobre a necessidade de uma mudança estrutural na Igreja. Por isso, é preciso criar comunidades vivas, inspiradas na radicalidade das comunidades primitivas da Igreja, com uma forte consciência de missão e de distinção do resto do mundo, sem, todavia, tornarem-se guetos isolados, que acabam “suscitando o calor do ninho sem aquecerem o

³⁵⁸ Cf. Id. **Escritos de Teologia I**: escritos del tiempo conciliar. Tradução: Jesus Aguirre. Madrid: Taurus, vol. 4., 1969, p.19.

³⁵⁹ Cf. **Ibid.**

³⁶⁰ Da Herder Korrespondenz, edição de abril de 1984, pp. 165-171, publicada em tradução italiana na revista *Il Regno* (Bologna) 29 (1º de maio de 1984) 286-294, sob o título “L’inverno della Chiesa e le prospettive del Cristianesimo”. No dia do seu 80º aniversário, em 5 de março de 1984, algumas semanas antes de sua morte, Rahner concedeu ao correspondente da editora Herder, David Seeber a última de suas entrevistas. O teor da entrevista revela uma visão da maturidade de quem durante sessenta anos pensou e repensou o mistério da Igreja, sua missão e presença no mundo, e mais ainda, acompanhando o desenvolvimento da sociedade do século XX, demonstrava uma inquietante preocupação pelas suas chances no século XXI.

³⁶¹ Cf. **Ibid.** Ainda que não se lembrando quem cunhou esta expressão, Rahner fala de um “inverno na Igreja”.

resto do mundo”³⁶². Às vezes, as comunidades cristãs se configuram como “vasilhas térmicas, que mantêm quente o que está dentro e deixam frio o lado de fora”. Com esta imagem analógica, Rahner queria dizer que,

A Igreja será sempre uma Igreja aberta, ou seja, não poderá ser feita de seres humanos que não sabem comunicar ao resto do mundo, mas de seres humanos que sabem conquistar o resto do mundo através de uma autêntica convicção cristã, sem todavia clericalizá-lo, seja de formas antigas ou novas³⁶³.

As comunidades eclesiais devem surgir e se organizar somente a partir da essência da mensagem cristã. Esse é um fundamento eclesiológico irrenunciável para o nosso teólogo. E quanto mais houver comunidades deste gênero, tanto maior serão as suas possibilidades de constituir o início de uma Igreja novamente distribuída em todo o território. Uma pessoa que não tenha tanta cultura teológica ou mesmo religiosa, portanto dotada de um potencial religioso muito limitado, mas aberta ao cristianismo, se em vez de encontrar na cidade grande só paróquias, encontrasse uma comunidade cristã viva, estaria em muito melhores condições de vivenciar uma fé de melhor qualidade existencial. Diz ele:

Não defendo ideologicamente e nem de forma excludente que esta estrutura atual tenha que acabar. Defendo, sim, que a Igreja deveria empregar corretamente, nos justos lugares, o potencial de socialização religiosa que ainda tem e que se torna sempre menor. É isso que falta!³⁶⁴

A Igreja, nos últimos séculos, depois do Concílio de Trento, experimentou um reforço do aspecto jurídico de uma forma como jamais o fizera. A tendência a defender-se da secularização e do iluminismo moderno contribuiu para isso. Na Europa, ela se apoiou muito em movimentos de restauração, não se comportando ou não se considerando mais como promotora da história, mas como guardiã da continuidade. E assim fica difícil para ela acolher o novo, pois este terá primeiro que demonstrar ser uma coisa boa, mesmo se é bom por si mesmo. Logicamente quando existe um cristianismo fundado em costumes e tradições, mas que permanece vivo enquanto cristianismo, deve ser mantido com todas as forças e levado adiante, pensa Rahner³⁶⁵. Porém, a Igreja precisa ter a coragem de adotar uma estratégia precisa para a sua ação.

³⁶² Entrevista citada In **II Regno** 29 (1984) p.287.

³⁶³ **Ibid.**

³⁶⁴ **Ibid.**, p. 288.

³⁶⁵ **Ibid.**

Segundo Karl Rahner, algo de extraordinário aconteceu no Concílio Vaticano II. A Igreja queria colocar-se diante da sociedade e da ciência contemporâneas com uma atitude corajosa, confiante e dinâmica. Por isso, teve que sentar, refletir sobre si mesma e limpar os seus óculos. Mas enquanto os limpava, não podia ver as coisas de maneira distinta clara e colorida. Só depois de limpas as lentes e bem colocadas diante dos olhos é que ela poderá enxergar bem. E para se ver com clareza a mudança é preciso paciência histórica.

O novo Código de Direito Canônico, segundo Rahner, é simplesmente a edição revista do Código de Bento XV, e que era, justamente, o livro de Direito da Igreja Católica Romana presente quase que exclusivamente na Europa Ocidental. “A Igreja atual não poderá mais ser igual à Igreja européia que foi exportada para o Terceiro Mundo”³⁶⁶. Se tivesse sido pensado a partir de uma estratégia para o futuro, o Novo Código não seria feito deste jeito.

Diz Rahner:

Penso que, mesmo que possa exprimir-se eclesialmente em muitos modos, o cristianismo, em sua essência, não é apenas um aspecto particular da realidade em concorrência com outros aspectos da mesma realidade. Ele é a aceitação, pela fé, da unidade de todas as realidades, não obstante a impossibilidade de integrar todos os seus aspectos³⁶⁷.

Esta unidade de todas as realidades integradas no cristianismo não é feita pelo ser humano, mas é fundada na própria revelação de Deus. A fé na revelação feita por Deus está para além de toda outra visão de mundo que faz de uma verdade qualquer o seu deus.

Isso faz com que a Igreja, mais do que nunca, assuma o dever de apresentar decididamente a essência da mensagem cristã, evitando de qualquer forma ceder a um humanismo deslavado e mesclado de “paganismo”. Até mesmo o teólogo, evitando fazer pregações durante suas aulas, deve demonstrar com a sua vida que crê verdadeiramente e que age segundo esta fé, conseguindo dar significado à sua vida na referência ao Cristo Crucificado e Ressuscitado. Não se pode obscurecer a radicalidade única e original da mensagem cristã. Se esta fosse mostrada de modo vivo e claro, não seriam mais necessárias tantas seguranças clericais fundadas na burocracia sufocante e no Direito Canônico.

³⁶⁶ **Ibid.**

³⁶⁷ **Ibid.**, p. 293.

Quando se tiver coragem de agir e tomar o cristianismo na sua radicalidade, sem deixar que as questões jurídicas, institucionais e político eclesiais apareçam como questões fundamentais, obscurecendo a verdadeira mensagem, estará então aberto o caminho para a 'primavera' na Igreja³⁶⁸.

Todavia, conclui Rahner, não se sabe ainda claramente como atingir a necessária intensidade da convicção cristã fundamental. Mas a esperança cristã nos leva a pensar que este tempo de inverno não é prenúncio de uma morte definitiva. Talvez seja mais um estímulo para que,

Durante o inverno, cada um, naquilo que lhe é possível, atue com coragem e decisão para dar maior vida àquilo que é a essência da fé, e, assim, fazendo-a brilhar sobre o mundo, torne a Igreja o sinal sacramental da salvação do mundo³⁶⁹.

Rahner diz: "O cristão do futuro, ou será místico ou não será cristão"³⁷⁰. A ação do Espírito em nós nunca deve ser buscada por si mesma; ela nos impele para fora de nós mesmos em direção ao outro³⁷¹. A experiência do Espírito representa a dimensão mística intrínseca a aventura cristã. E indica à pastoral³⁷² que, mais importante que técnicas e planejamentos, é sua função mistagógica de levar o ser humano a um encontro pessoal e vivido com Deus³⁷³.

No livro 'Palavras de Inácio de Loyola a um Jesuíta de Hoje', Rahner diz:

...o ser humano já quase não suporta a silenciosa solidão diante de Deus e procura refugiar-se em uma espécie de coletividade eclesial, quando, na realidade tal coletividade tem que edificar-se sobre a base de seres humanos

³⁶⁸ *Ibid.*, p. 293.

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 294.

³⁷⁰ RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia VI**. Madrid: Taurus Ediciones. 1967.

³⁷¹ Cf. MIRANDA, Mario França. **A Salvação de Jesus Cristo**. São Paulo: Loyola. 2004, p.185.

³⁷² "uma coisa, contudo, continua sendo certa: que o ser humano pode experimentar pessoalmente Deus. E vossa pastoral deveria, sempre e em qualquer circunstâncias, ter presente esta meta inexorável. Se encheis os depósitos da consciência dos homens unicamente com vossa teologia erudita e modernizante, de tal modo que, no fim das contas não consiga senão provocar uma espantosa torrente de palavras; se não fizésseis mais que adestrar os homens em um eclesialismo que os transforme em súditos incondicionais do 'establishment' eclesial; se na Igreja não pretendésseis mais que reduzir os seres humanos ao papel de súditos obedientes de um Deus distante, representado por uma autoridade eclesiástica; se não ajudásseis os homens, acima de tudo isto de todos os seus conhecimentos particulares, para abandonar-se confiadamente àquela incompreensibilidade que carece de caminhos prefixados de antemão; se não os ajudásseis a tornar realidade isto nos momentos definitivos e terríveis de 'impasse' que se apresentam na vida e nos inefáveis instantes do amor e do gozo e, por último, de um modo radical e definitivo, na morte (em solidariedade com Jesus agonizante e abandonado de Deus), então, apesar de vossa pretendida pastoral e de vossa ação missionária, teríeis esquecido ou atraído minha 'espiritualidade'". RAHNER, Karl. **Palavras de Inácio de Loyola a um Jesuíta de Hoje**. p. 12.

³⁷³ Cf. MIRANDA, Mario França. **A Salvação de Jesus Cristo**. São Paulo: Loyola. 2004, p.185.

espirituais que tenham tido um encontro direto com Deus, e não para evitar de ter que haver-se com Deus e sua livre incompreensibilidade³⁷⁴.

Rahner afirma que a Igreja deve transformar-se em uma comunidade de espiritualidade autêntica, ou seja, que se ocupe antes de mais nada e sobretudo com Deus. A Igreja deve falar de Deus; falar dele para dar-lhe glória, pois somente assim pode mostrar realmente seu caráter profético e seu poder libertador³⁷⁵.

Quando em uma esperança última a pessoa humana entrega-se incondicionalmente ao verdadeiro Deus para além de todas as realidades concretas manejáveis, entra então verdadeiramente em sua liberdade última, que é plenificada por Deus mesmo e comporta ainda uma felicidade oculta quando em nosso desespero não podemos fazer-nos conosco mesmos e com este mundo³⁷⁶.

A tarefa principal da Igreja, enquanto sacramento universal da salvação para o mundo³⁷⁷, é levar homens e mulheres a um encontro salvífico com Jesus Cristo³⁷⁸.

Rahner diz que no terreno espiritual nós somos em extremo, uma igreja sem vida³⁷⁹. A espiritualidade viva, que naturalmente continua e existir, retirou-se da vida pública da igreja de um modo estranho. Na vida pública da igreja, continua a predominar hoje em dia (com toda boa vontade, que não se pretende negar) o ritualismo, o legalismo, a burocracia e uma resignação contínua pelas trilhas habituais da mediocridade espiritual³⁸⁰.

A Igreja, enquanto fiel à sua própria essência, é o lugar no qual o ser humano se entrega silenciosamente a Deus, sem preocupar-se já do que Este queira fazer com ele, porque Deus é precisamente o mistério incompreensível, e somente assim pode ser nossa meta e nossa felicidade³⁸¹. O Espírito está hoje exigindo algo de novo para a Igreja. Agora, se abrem as

³⁷⁴ RAHNER, Karl. **Palavras de Inácio de Loyola a um Jesuíta de Hoje**. p. 12.

³⁷⁵ Id. **Cambio estructural de la Iglesia**. Madrid: Cristiandad, 1974, p. 107.

³⁷⁶ **Ibid.**, p. 108.

³⁷⁷ LG 1.

³⁷⁸ MIRANDA, Mario França. **A Inculturação da Fé**. São Paulo: Loyola. 2001, p.74.

³⁷⁹ “Onde na igreja não apenas se ora, mas também se experimenta a oração como um dom pentecostal do Espírito, como graça sublime? Onde há, acima de toda inculcação racional acerca de existência de Deus, uma mistagogia que encare de frente a experiência viva de Deus e que parte do núcleo da própria existência? Refiro-me a atitude pela qual o homem aceita a verdade, em adoração e amor, o mistério inefável de sua vida, que também é um ato de renúncia que, movido pela esperança, passa sobre os bens palpáveis dessa vida até alcançar a promessa que ainda não tem nome, que toma a morte como vitória e como umbral da vida eterna? Onde estão, porém, os ‘pais espirituais’, os gurus cristãos, que possuem o carisma de propiciar a meditação, também na mística, em que o fim último do homem, sua união com Deus, é aceita com santo arrojo? Onde estão os homens com coragem para ser discípulos de tais pais espirituais?” RAHNER, Karl. **Cambio estructural de la Iglesia**. Madrid: Cristiandad, 1974.

³⁸⁰ Cf. **Ibid.**

³⁸¹ Cf. **Ibid.**, p. 55.

portas a um novo modo de viver a fé cristã e certamente a Igreja deve se organizar de modo diferente.

5.4.

A Ação de Deus e o Agir Humano

O Espírito impulsiona o agir humano e leva a transformação.

As primeiras confissões da fé cristã, inclusive as que se consideram palavra de Deus, expressam indissolavelmente ambos os aspectos, o evento fundante da salvação e a experiência dele na comunidade³⁸². Quando a experiência cristã é expressa ou testemunhada já na realização viva, isto tem que ver essencialmente com o testemunho da fé. Quanto ao conteúdo central da confissão, afirma-se o seguinte: Jesus Cristo, conhecido em sua missão e reconhecido em seu mistério, naquele paradoxo de “transcendência”, que em vista da salvação foi posta em jogo na história e no ser humano, de maneira alguma Deus revestido de humanidade, sequer Deus e o ser humano, mas Deus como homem, surgido numa liberdade como a nossa, num destino como o nosso³⁸³. Essa identidade de Jesus Cristo forma a partir de dentro em sua totalidade a fé e a experiência cristãs, que atualizam novamente sua missão libertadora e toma sobre si o risco de adesão incondicional em face do seu Deus. Se isso é o que se quer dizer com “encarnação”, se em Jesus a mais excelsa transcendência revela-se através do mais profundamente humano – e não supra humano -, se ser cristão repousa sobre a própria economia dos dons de Deus, podemos então reter para o sentido da experiência cristã a opção fundamental, que já uma leitura global da Escritura nos sugere. Inclusive o compromisso mais elevado e incompreensível pelo “Reino de Deus”, pela “vida nova” encontra sua realização plena não no nível do extraordinário, do maravilhoso, não através da fuga do mundo e da renúncia às dimensões essenciais da vida humana, mas no seio do próprio existir humano; o compromisso não nos afasta da vida humana, mas pelo contrário, a vida humana medeia sua realização em nós. O “máximo de Deus” realiza-se na experiência através do “máximo do ser humano” e não através da eliminação deste³⁸⁴.

³⁸² Cf. **Ibid.**, p. 57.

³⁸³ Cf. **Ibid.**

³⁸⁴ Cf. **Ibid.**, p. 58.

Jesus não transmitiu uma doutrina sobre a bondade de Deus. Ele mostra essa bondade, sendo ele mesmo bondoso, circulando com os pecadores e dando confiança aos desamparados social e religiosamente³⁸⁵. Não faz isso por puro humanitarismo, mas como tradução de sua experiência de Deus como Pai e Amor, como Graça e Perdão. Porque se sente totalmente amado e aceito pelo Pai, ele também aceita e ama a todo³⁸⁶.

A realidade de Deus Pai emerge quando o ser humano se torna capaz de descobrir no outro um filho de Deus e um irmão seu. Aqui reside novamente um traço característico da experiência de Deus feita por Jesus. Ele não usa a palavra Deus sem vinculá-la concretamente ao ser humano. Deus para Jesus emerge exatamente dentro da vida e no relacionamento com os outros. Deus quer ser servido nos outros e não tanto em si mesmo. Sempre que se fala do amor a Deus, fala-se também no amor ao próximo. É no amor ao próximo que se decide a salvação³⁸⁷.

A decisão pela experiência cristã poderia abrir para uma das mais espinhosas questões na reflexão e práxis da Igreja. Nos atuais debates acerca dos dogmas, das instituições, das estruturas pastorais, do Direito, tendo-se em vista um sistema até há bem pouco tempo entendido como absoluto, mas hoje em rápida dissolução, é grande a tentação de assumir unilateralmente ou convulsivamente uma atitude de defesa ou de agressiva concorrência³⁸⁸. Uma possível decisão ou uma embocadura de solução poderia consistir agora em se partir da experiência elementar cristã, da experiência da comunidade, da sua vida diária na busca de acordo com o Evangelho; perguntar-se o que significa isso, para que possa ser realizado e tentado, apoiar aquilo que quer vir à luz; não deduzir uma prática moral ou pastoral de princípios abstratos, mas ouvir o povo cristão, no qual sopra o Espírito Santo, confiar naquilo que a Igreja que continua a existir há vinte séculos e com frequência apesar do clero que pretende salvá-la. Não se trata agora de deduzir todas as estruturas da experiência, mas se trata da convicção de que somente a vontade de ser incondicionalmente fiel àquilo que esta experiência abrange ou pressupõe é que possibilita o retorno às questões, por exemplo, da celebração da missa, da regra de fé, dos ofícios e sua hierarquia de valor como decorre do Evangelho do NT³⁸⁹.

³⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 59.

³⁸⁶ Cf. *Ibid.*

³⁸⁷ Cf. *Ibid.*, p. 55.

³⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 57.

³⁸⁹ Cf. *Ibid.*, p. 50.

Para Rahner as consciências deveriam ser atraídas para o mistério fundamental da nossa existência através da experiência de Deus e sua graça. Precisamos, portanto, de uma mistagogia mais sapiencial³⁹⁰. A Igreja antes de inculcar muitas orientações morais seguramente justas e úteis, deveria se esforçar mais para aproximar os seres humanos da experiência fundamental de Deus. O ser humano deveria compreender que, no final, vive e está imerso nesse imane mistério da proximidade mais próxima, um mistério inteiramente incompreensível³⁹¹. Precisamos nos dar conta de que temos a ver com esse Deus absoluto, que deseja comunicar a si mesmo ao ser humano em uma mediação absoluta, obviamente por intermédio da graça. Ser chamados a acolher, mediante Jesus Cristo, a comunicação absoluta que o Deus absoluto faz de si mesmo é a verdadeira realidade do cristianismo³⁹².

A experiência da graça é iluminada e interpretada por intermédio da palavra de Deus. Através dessa experiência somos chamados a partilhar o amor de Deus por todos, seu amor especial pelos mais pobres e seu desejo de ver a justiça ser feita. É sempre um chamado para o discipulado, para caminhar com Jesus, para viver e morrer pela causa do Reino de Deus³⁹³.

O próximo tem que ser amado de uma maneira cada vez mais altruística e autêntica, na claridade imediata da vida diária; Deus terá que manifestar-se cada vez mais claramente em sua natureza absoluta; o amor a Deus e o amor ao próximo tem que se oferecer cada vez mais cristalinamente à liberdade do ser humano em sua indissolúvel unidade e em sua qualidade de condicionamentos mútuos. O amor a Deus constitui o fundamento último de um amor ao próximo capaz de ser incondicional e de conservar-se realmente livre³⁹⁴.

Encontrar esse Deus na verdade é ter nosso universo socialmente ordenado despedaçado e transformado. Esse Deus questiona nossas instituições sociais e nossas pressuposições socialmente induzidas. Não é fácil apegar-se a uma pressuposição de que nossa raça, classe ou sexo, é superior, ou a uma ética de competição e sucesso, ou ao materialismo possessivo, quando aquele que encontramos é o Crucificado. A experiência de graça é um encontro perigoso, que pode fazer nosso mundo virar de

³⁹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 52.

³⁹¹ Cf. CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. **Espiritualidad de La Liberación**. Guatemala: Lascasiana, 1993, p. 55.

³⁹² Cf. *Ibid.*

³⁹³ Cf. *Ibid.*, p. 57.

³⁹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 54.

cabeça para baixo. Agora, tudo é analisado em comparação com o amor, pois Aquele que encontramos é amor. A experiência deste Deus é subversiva³⁹⁵.

Quer ocorra em um encontro entre indivíduos, quer em uma experiência de grupo, a experiência de Deus sempre tem uma estrutura social e pode sempre ter efeito libertador em nossas vidas. Salienta e questiona os processos sutis pelos quais absorvemos valores contrários ao Reino de Deus. Essa graça revela o valor infinito das pessoas humanas. Mostra-nos as dádivas e o mal que está institucionalizado em nossas estruturas sociais³⁹⁶.

Todas as nossas experiências que se abrem para o mistério da graça devem nos impelir em direção à plena libertação humana. Isso muitas vezes não ocorre, o que só pode ser explicado pelo fato de estarmos fechados à verdade que está tão perto de nós; não temos olhos para ver nem ouvidos para ouvir. Precisamos de uma sacudidela em nossa complacência que nos chame a uma nova conversão. Essa sacudidela ocorre em nossa experiência dos pobres de nosso mundo. Essa experiência dos pobres deve ser considerada um caminho privilegiado para a libertadora experiência de Deus³⁹⁷.

Sobre a teologia da experiência cristã, se negássemos que a forma de meditação pode-se designar em autêntico sentido como “teologia”, estaríamos definindo o ato de teologizar a partir da especialidade dos especialistas e não a partir da atividade da cada fiel que reflete sua fé como membro da nova aliança, onde “o Espírito foi derramado sobre todos”, que constitui “um sacerdócio régio para testemunhar e dar contas de sua esperança”, onde “não é preciso ser instruído, pois que o agir de Deus está neles”³⁹⁸. Somente depois é que vêm as diferenciações da atividade teológica em carismas e formação intelectual, que devem servir de ajuda aos fiéis para expressar, desenvolver e criticar o que lhes foi transmitido, o que precisa ser expresso e refletido – um encontro vivo entre Palavra de Deus e a existência humana hoje no mundo. Uma teologia da experiência, se quiser assumir este papel crítico, testar a referência ao NT e à Tradição, se quiser fazer afirmações precisas e ponderadas, exige a competência e a visão de conjunto, que constituem o teólogo e a teóloga no sentido próprio da palavra, ainda que ela recorra a outros recursos intelectuais, como a dedução

³⁹⁵ Cf. SOBRINO, Jon. **Espiritualidade da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1992, p.105

³⁹⁶ Cf. **Ibid.**, p.105.

³⁹⁷ Cf. **Ibid.**, p.106.

³⁹⁸ Cf. **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. Ed. Paulus, São Paulo, 1993. p. 249

conceitual ou a especulação abstrata. Acrescente-se que, no caso do encontro, fundamental para a fé, entre a experiência e as “ciências humanas”, trata-se menos de discursos teóricos que pretendam tudo abranger, do que de se mostrar na realidade da experiência que a experiência se deixa pôr em questão por este ataque até às raízes de si mesma, consegue superar esta prova e sair ilesa e com isso tornar-se o que ela é. Em conseqüência, somente a teologia dessa experiência, em que o teólogo e a teóloga saibam distender o arco interno que o vincula com um daqueles mundos de cultura e sofrimento, com a práxis teológica, com a tradição teológica, é que terá ainda algum valor³⁹⁹.

Segundo Rahner, a tarefa da teologia de hoje é a de se tornar uma vital e corajosa mistagogia da experiência religiosa⁴⁰⁰.

³⁹⁹ Cf. **Ibid.**, p. 250.

⁴⁰⁰ Cf. RAHNER, Karl. **Cambio estructural de la Iglesia**. Madrid: Cristiandad, 1974, p. 55.